

REFERÊNCIA:

1

VOLPI, S. M. D.; MORAES, F. C.; HANTOWER, M. Caixa de Pandora: as bases somáticas da esperança. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

CAIXA DE PANDORA: AS BASES SOMÁTICAS DA ESPERANÇA

Sandra Mara Dall'Igna Volpi
Fernando Cariello Moraes
Maya Hantower

Conta o mito que esperança foi tudo o que restou na Caixa de Pandora, a qual, tendo sido aberta por Epimeteu, espalhou dor, ódio, loucura, morte, inveja, desamor e desunião pela Terra.

Epimeteu trouxe à luz, através do gesto de abrir a Caixa de Pandora, o castigo de Zeus e de todo o Olimpo a seu irmão, Prometeu. Este, por sua vez, primo de Zeus, desafiara o Olimpo, criando uma legião de homens de barro à semelhança dos deuses. Tal semelhança fora determinada pelo fogo que animava os corpos dos homens de argila da mesma maneira com que eram animados os corpos dos deuses. Esse fogo, entretanto, havia sido roubado dos deuses quando Prometeu visitara o Olimpo, pelas mãos de Atena, justamente para aperfeiçoar ainda mais seu homem de argila, à imagem dos deuses.

A partir do momento em que o fogo passou a animar os corpos dos homens de barro, Prometeu foi proibido por Zeus de entrar no Olimpo.

Prometeu então questionou a divindade de Zeus, propondo-lhe um desafio: matou dois bois para um banquete e encheu a pele de um com a carne de ambos os animais e a outra, com os ossos; em seguida, pediu a Zeus que escolhesse um dos animais, e Zeus escolheu o boi preenchido com ossos. Ofendido e humilhado, Zeus resolveu tirar dos homens criados por Prometeu o fogo divino, ou seja, a vida, mas tal feito não fez cessar Prometeu, que então roubou o fogo do carro do sol e o devolveu aos homens.

Zeus, indignado, criou Pandora, enquanto outros deuses do Olimpo proveram-na de dons e encantos diversos. Mandada para a Terra para ser a primeira mulher, levou com ela uma caixa para presentear Prometeu. Este, desconfiado de uma vingança dos deuses, não aceitou o presente e recomendou a seu irmão que não o aceitasse também.

Entretanto, Epimeteu, apaixonado por Pandora, casou-se com ela e abriu a Caixa na noite de núpcias...

Somente a esperança restou, no fundo da Caixa de Pandora...

Prometeu, depois disso, foi novamente castigado, tendo sido acorrentado a uma rocha do Cáucaso para que seu fígado fosse devorado por abutres através de séculos (NARDINI, 1990).

Embora a Caixa de Pandora tenha sido um castigo enviado pelos deuses aos homens, com ela, a esperança nasceu.

A esperança, um dom divino, foi ofertada aos homens mesmo em meio a toda a peste que lhes impingia o severo castigo.

REFERÊNCIA:

2

VOLPI, S. M. D.; MORAES, F. C.; HANTOWER, M. Caixa de Pandora: as bases somáticas da esperança. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

A esperança estava antes de tudo na Caixa de Pandora e nela foi o que restou. De que maneira podemos relacionar o mito à nossa história pessoal? Em que o mito nos ajuda a compreender a nós mesmos?

A relação talvez possa ser encontrada na maneira pela qual surge a esperança em nossa vida: ela está antes de tudo e, nesse sentido, é o que nos move em busca daquilo que queremos, e é ela que permanece mesmo em meio às piores adversidades.

A esperança é um valor inerente ao homem, valor esse que lhe remete à sua própria vitalidade. Se há algo que nos põem em movimento, dá sustentação às nossas ações e é com o que podemos contar sempre, esse algo é a vitalidade e a vitalidade está, acima de tudo, em nosso corpo.

Segundo Lowen (1986, p. 140), “A fé de uma pessoa é a expressão de sua vitalidade intrínseca como ser humano, assim como a sua vitalidade é uma medida de sua fé na vida”.

Numa visão religiosa, a esperança, ladeada pela fé e pela caridade, é uma virtude infusa, dada ao homem por Deus, acreditando-se que tal virtude se manifesta através do homem, nasce com ele, não podendo ser adquirida por outro meio.

Lowen (1986, p. 139) afirma: “A experiência é um fator importante; ela pode aumentar ou diminuir a fé”. O autor, entretanto, não acredita que a gênese da fé esteja na experiência.

Partindo-se do pressuposto de que a esperança é inerente à natureza humana e de que a experiência pode aumentá-la ou diminuí-la, as primeiras experiências da infância podem ser encaradas como modeladoras da esperança. Isso significa que a medida de esperança que podemos projetar para o futuro é a mesma medida de segurança que nos foi possível estabelecer no passado, em nossos primeiros contatos com o mundo ao nosso redor, em nossos vínculos afetivos com figuras significativas, a partir dos quais adquirimos confiança na realidade presente e nas pessoas. Somente a partir da construção da confiança, baseada em segurança, é que podemos conectar a esperança.

Segundo E. Erikson citado por Papalia e Olds (2000), a primeira das oito crises ou estágios críticos do desenvolvimento evidencia, em lados opostos, a confiança básica e a desconfiança básica. Tomando por base essa teoria, Papalia & Olds (2000, p. 161) afirmam:

Essa etapa desenvolve-se no bebê até aproximadamente os 18 meses de idade. Nesses primeiros meses, os bebês desenvolvem uma idéia do quanto se pode confiar nas pessoas e nos objetos de seu mundo. Eles precisam desenvolver um equilíbrio entre confiança (a qual lhes permite formar relacionamentos íntimos) e desconfiança (a qual lhes permite se protegerem). Caso a confiança predomine, como deveria acontecer, as crianças desenvolvem a ‘virtude’ da esperança: a crença de que podem satisfazer suas necessidades e obter o que desejam. Caso a desconfiança predomine, as crianças verão o mundo como hostil e imprevisível, e terão dificuldade para formar relacionamentos íntimos. O elemento crítico no desenvolvimento da confiança é o cuidado sensível, responsivo e regular. Erikson

REFERÊNCIA:

3

VOLPI, S. M. D.; MORAES, F. C.; HANTOWER, M. Caixa de Pandora: as bases somáticas da esperança. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

via a situação de alimentação como o ambiente para o estabelecimento da mistura certa de confiança e desconfiança.

Nesse aspecto, encontra-se concordância nas idéias de Lowen (1986, p. 151):

Biologicamente a fé de uma criança é excitada e alimentada pelo amor e devoção de seus pais. Essa devoção amorosa confirma as sensações da criança de que o mundo é um lugar para os homens viverem com alegria e satisfação. Quando a consciência em desenvolvimento da criança se expande, ela devolve a devoção a seus pais com sua própria devoção para com a maneira de viver e para os valores que ela representa. Então, no tempo apropriado, a criança, já como um adulto, irá passar essa devoção para seus próprios filhos, instilando neles uma reverência pelo passado e uma esperança no futuro.

Ao estabelecermos vínculos de confiança exploramos em nós mesmos o dom da fé. Não uma fé religiosa, em que o contato com a realidade pode ser rompido pela fantasia de gratificação ou punição por um Deus onisciente, mas uma fé baseada na realidade, a partir de nosso próprio corpo.

Esperança é equivalente a esperar. Como viveremos a esperança ao longo do caminho de toda uma vida é que faz a diferença. Esperar com prazer ou sacrifício? Esperar algo que virá agregar-se àquilo que já se conquistou ou algo de que se é privado no presente? Esperar e respirar ou esperar e desconectar?

A esperança baseada no corpo mantém acesa a chama da vida. A esperança desconectada gera e multiplica ilusões.

“Quando uma crença não tem suas raízes em uma fé verdadeira, não pode ser uma crença verdadeira. Não é uma mentira; na verdade, a pessoa pode acreditar nessa crença. Nesse caso ela se torna uma ilusão” (LOWEN, 1986, p. 152).

Para Lowen (1986, p. 146), “... uma convicção não está sujeita à verificação, a fé não exige verificação... a verdadeira fé é um assunto do coração”.

Nossos sentimentos devem dar base à nossa fé e esperança na vida. O coração pode e deve conectar-se à razão e à ação. Quanto mais conectados estamos ao nosso corpo, mais esperança podemos sentir. E, na medida em que nos conectamos a nosso corpo, estreitamos os laços entre o universo e nós mesmos, chegando à sensação de pertencer à natureza, à humanidade. A chama da vida permanece acesa e “quando a chama queima brilhantemente em um organismo irradia uma sensação de alegria” (LOWEN, 1986, p. 150). “Uma boa respiração fornece um combustível forte para esse fogo e assegura um suprimento adequado de oxigênio para o processo da combustão metabólica” (p. 151).

Onde nosso coração se encontra, nesse exato momento: na resignação? Na desesperança? Na ilusão? Ou podemos resgatar, do fundo de nossas caixas de Pandora, a esperança?

REFERÊNCIA:

4

VOLPI, S. M. D.; MORAES, F. C.; HANTOWER, M. Caixa de Pandora: as bases somáticas da esperança. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

=====

REFERÊNCIAS

LOWEN, A. **O corpo em depressão**. São Paulo: Summus, 1986.

PAPALIA, D. & OLDS, S. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

NARDINI, B. **Mitologia: o primeiro encontro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

=====

Sandra Mara Dall'Igna Volpi

Cidade: Curitiba/PR – Brasil

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br

Fernando Cariello Moraes

Cidade: São Paulo/SP – Brasil

E-mail: fernandocariello@aol.com

Maya Hantower

Cidade: São Paulo/SP – Brasil

E-mail: mayapsi@ig.com.br